

CAMINHOS DE SUPERAÇÃO DA INDISCIPLINA EM QUIRINÓPOLIS

PATHS TO OVERCOMING INDISCIPLINE IN QUIRINOPOLIS

Gilson Xavier de Azevedo⁹
Simone Maria Zanotto¹⁰

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa foi realizar um estudo sobre a questão da indisciplina no Ensino Médio em Colégios Estaduais e Particulares de Quirinópolis. Com esta finalidade, serão entrevistados por meio de formulário específico, professores que atuem na fase descrita. Caso seja possível, foi promovida em cada instituição uma conversa informal com os alunos tidos como “mais indisciplinados” na representação dos professores, a fim de se colher sua posição frente ao diagnóstico docente. Este trabalho foi construído por meio de uma investigação sobre a questão da indisciplina escolar através de um estudo teórico, de caráter filosófico-analítico, utilizando elementos da análise conceitual, que propõe uma perspectiva teórica, analítica e interpretativa. Hoje, a indisciplina é um termo que possui diversas conotações à medida que é aplicada em diferentes situações e lugares, porém ela não pode ser dita como acidental do ponto de vista filosófico, ou ocasional, em outros termos, não surge isolada no ambiente da escola e pode estar interferindo em sua organização, nas práticas pedagógicas, na autoridade docente, entre outros fatores. Estudos preliminares enfocaram que a situação de indisciplina está muito próxima de posturas disciplinares pouco coesas e objetivas que subverte a percepção da autoridade que a propõe. Desse modo, buscou-se através da compreensão conceitual do que é indisciplina escolar, buscar entre os pesquisados formas de se superar o que se tem atualmente por crise ou problema.

Palavras Chave: Educação. Escola. Sala de aula. Indisciplina. Bullying. Assédio Moral.

ABSTRACT: The objective of this research was to carry through a study on the question of the indiscipline in Average Ensino in State and Particular Colleges of Quirinópolis. With this purpose, they will be interviewed by means of specific form, professors who act in the described phase. In case that it is possible, an informal colloquy with the pupils had as “more indisciplinados” in the representation of the professors, in order if spoon was promoted in each institution its position front to the teaching diagnosis. This work was constructed by means of an inquiry on the question of the pertaining to school indiscipline through a theoretical study, of philosophical-analytical character, using elements of the analysis conceptual, that considers a theoretical perspective, analytical and interpretativa. Today, the indiscipline is a term that possess diverse connotations to the measure that is applied in different situations and places, however it cannot be said as accidental of the philosophical point of view, or Occasional, in other terms, it does not appear isolated in the environment of the school and can be intervening with its organization, in practical the pedagogical ones, in the teaching authority, among others factors. Preliminary studies had focused that the indiscipline situation is very next to coesas and objective positions to discipline little that subverte the perception of the authority considers that it. In this manner, one searched through the conceptual understanding of what it is pertaining to school indiscipline, to search enters the searched forms of if surpassing what crisis or problem is had currently for.

Keywords: Education. School. Classroom. Indiscipline. Bullying. Moral siege.

⁹ PHD em Educação pela PUC-GO (2020); Doutor em Ciências da Religião pela (PUC-GO). Filósofo pela FAEME, e Pedagogo pela UVA-ACARAÚ/FCM e Teólogo pelo MACKENZIE (2006); Docente UEG desde 2008. (gilson.azevedo@ueg.br).

¹⁰ Licenciatura em Filosofia (FAEME, 2006). Licenciada em Letras - Português e Inglês (UEG, 2009). Graduada em Teologia (MACKENZIE, 2006). Mestra em Ciências da Religião pelo CETHEL (2003 - Incorporação em Teologia Pastoral - FTSA, 2023). (simone.zanotto@seduc.go.gov.br).

INTRODUÇÃO

A questão da indisciplina sempre permeou o contexto urbano e escolar, seja em seu entorno, seja no centro. O fato de que a escola e a sociedade de um modo bastante geral lidem, mesmo em tempos neoliberais com questões de comportamento ligadas às dimensões ética e moral.

Nesse contexto, em que se pretende aqui, focar a indisciplina dentro de parâmetros bibliográficos já produzidos sobre o tema, menciona-se inicialmente que a idéia de indisciplina seria um desvio de comportamento é uma idéia localizada historicamente; para entendê-la é necessário retomar os demais contextos e neles as percepções do tema.

Na educação espartana, voltada para a guerra e a força bélica, desde muito cedo as crianças eram levadas para redutos de treinamento, nos quais eram ensinadas e forçadas inclusive a roubar, sem serem pegadas em flagrante. Em tal reduto, é interessante pensar que a indisciplina seria num sentido de obediência aos anciãos, não ser agressivo, ou astuto e veloz.

No contexto da Igreja medieval, propostas como a pobreza, a obediência e a castidade, funcionavam como um sistema de acesso no qual, a elevação da Alma na busca de uma perfeição que em muito se resumia no desapego de desejos, bens e do próprio corpo, fazia com que a indisciplina, sobretudo em mosteiros e feudos, a grosso modo fosse uma iniciativa pessoal e não uma máxima coletiva.

Depois, todo o contexto da reforma protestante, trouxeram ao velho mundo, uma concepção nova de obediência e indisciplina que na linha de investigação desse artigo, perdura até nossos dias. A discordância do que era tido como verdade religiosa, até o século XV, caiu por completo graças a uma série de motivações políticas que possibilitaram uma divisão, mas talvez não uma democratização do poder na ótica do período. Daí por diante, a Revolução industrial abre uma nova forma de obediência que seria a fabril e mais tarde de produção. O positivismo possibilita novos horizontes econômicos e científicos e com esses, novas formas de desobediência ao poder religioso culminando com o evento que ficou conhecido como Inquisição européia.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

O leitor agora, começa então a desvelar que a questão da indisciplina do ponto de vista histórico gira entorno do que se convencionou aqui por poder. Nesse sentido, Valentina Luzia (2007, s.n.) afirma que:



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

O conceito de indisciplina é susceptível de múltiplas interpretações. Um aluno ou professor indisciplinado é em princípio alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma explícita ou implícita sancionada em termos escolares e sociais. Estes desvios são, todavia, denominados de forma diferente conforme se trate de alunos ou de professores. Os primeiros são apelidados de indisciplinados, os segundos de incompetentes.

A reportagem trazida pela revista Nova Escola em outubro de 2009 (ed. 226, s/n.) aponta que a indisciplina seria caracterizada ou deveria ser como uma transgressão de dois tipos de regra, sendo elas as morais, amplamente discutidas no Brasil pelo pesquisador Ives De La Taille; em seguida são apontadas as regras ditas convencionais, ou que são definidas por um grupo com objetivos específicos.

Dentro do que se entende por regras morais, pode-se apontar aqui para um conceito de indisciplina como uma forma de desobediência transcendente, pois o fato de se obedecer porque se supõe que a regra tenha um cunho divino ou transcendente, ou que a autoridade que instituiu a regra ou será desrespeitada, o que caracterizaria a ofensa moral, ou será afetada de algum modo que exigirá reparação. Segundo LA TAILLE (1994, p. 9):

Crianças precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social — a família, a escola, a sociedade como um todo.

Dentro do exposto, entende-se indisciplina no contexto convencional não como uma regra a ser imposta, mas proposta e ou construída dentro de um contexto específico que exigirá adesão e não necessariamente uma obediência, já que se entende aqui como hipótese que a discussão dos agravantes da relação poder-obediência-indisciplina seria uma consequência de imposturas do tópico causas que será melhor discutidas.

Para Macedo (p. 192), “as regras de boa saúde, bom estudo, boa convivência social, são obrigatórias na medida em que valorizam o ideal de uma função. Mas, se a interpretarmos como simples e puros combinados encontramos um certo ‘democratismo’ que confunde tanto as crianças quanto os adultos”.

A questão das regras deve então ganhar espaço às discussões nos conselhos escolares de modo a se tratar possíveis problemas de modo a se analisar primeiro as causas, para só então se propor intervenções mais severas. Nesse ditame, há que se pensar a indisciplina conforme



Trerivisol (s.n.) enquanto indisciplina do aluno, do professor, da família, da escola e só assim caracterizá-la como ou descumprimento de regras pura e simplesmente. Macedo (p. 192) ainda recorda que é preciso que as regras sejam negociáveis, para não se caracterizar o autoritarismo.



Ainda sobre a dimensão conceitual, a revista nova escola (Out. 09, Ed. 226, s/n.) afirma que a indisciplina é uma tendência natural de todo o ser humano, está inscrita no seu código genético. O Estado, a educação e a cultura, atuam como freio destes impulsos anti-sociais. Estamos perante uma velha teoria que serviu a Thomas Hobbes para fundamentar a necessidade de um Estado forte, capaz de manter em ordem os "homens-lobo". Segundo Mielnik (1982, p. 60):



Crianças excessivamente inquietas, agitadas, com tendências à agressividade, se destacam no grupo pela dificuldade de aceitar e cumprir as normas, às vezes, não conseguindo produzir o esperado para sua idade. Estas crianças representam um desafio para suas famílias e escola, cabendo a estes estabelecer os métodos de orientação mais condizentes a cada situação e estabelecer os níveis de regimes necessários para obtenção da disciplina.



A noção de indisciplina como foi exposto, sempre nos remete às regras e à noção de obediência; entram nesse bojo, uma série de outras características dentro da fenomenologia escolar que uma vez não observadas, podem evoluir para possíveis causas do problema.



Segundo Artur Costa Neto vice-presidente do Conselho Municipal de Educação de São Paulo, "As crianças mudaram, o mundo mudou, mas a escola permanece a mesma. A estrutura de trabalho da maioria das escolas é igualzinha à que eu presenciei como aluno há 50 anos. Acho que a maioria dos educadores está convencida de que é preciso mudar, mas muitos não sabem como. No entanto, é possível perceber alguns sinais de mudança" (Folha de São Paulo, 22. Jun. 06).



Seria também um erro partir da hipótese de que a geração atual é uma geração "sem limites" ou mesmo que o aluno de hoje é "desinteressado". Assim, a presente pesquisa irá investigar e desvelar a questão (e não o problema) da indisciplina, a partir das questões: do conhecimento a ser transmitido em sala, da relação aluno-professor, do contexto da sala de aula e da perspectiva do contrato pedagógico. "Por essa razão, talvez se possa entender a indisciplina como energia desperdiçada, sem um alvo preciso ao qual se fixar, e como uma resposta, portanto, ao que se oferta ao aluno" (Aquino, 1998, p. 1).



As relações de poder envolvendo os cinco itens indicados acima, quase sempre encontram solução em um certo "vigiar e punir" os processos que se estruturam na anatomia política da escola. Na visão de Luciana Carvalho (2007), tais processos compreendem



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

sobremaneira a um controle de corpos enfileirados, já que a disciplina e organização economiza tempo, facilita a vigilância, mas nem sempre produz saber. Para Elaine Novais (2004) ao citar Davis e Luna (1991, p. 69), pela autoridade reconhecida: "os alunos aprendem a regular seu próprio comportamento para garantir a apropriação do conhecimento escolar, no intuito de apreender criticamente a realidade, com o objetivo de transformá-la, isto é, tornam-se civilizadas". Segundo De La Taille (1996, p. 21): "os alunos acham perfeitamente normal desertar de aulas por eles consideradas 'maçantes', e isto a despeito da qualidade intelectual da matéria dada e do professor". Ainda para o educador (1998, p. 50) a educação "em vez de ser uma constante imposição de limites, só terá êxito se também for um estímulo".

Entendido isto, no sentido de não ser apenas "mais um estudo" e sim um florescimento de soluções e sonhos educacionais possíveis para uma atuação profícua das futuras pedagogas que estão vivenciando o processo formativo, esta proposta se mostra extremamente relevante nos dias atuais, tendo em vista o fato de que esta questão além de recorrente, ele se expande enquanto problema gerando desconfortos, assédios, Bullying e outras situações a serem pensadas. Como adianta Garcia (1999, p. 103): "A indisciplina escolar não é um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Ao contrário, está 'evoluindo' nas escolas". Assim, sua relevância se mostra tanto no contexto acadêmico de onde parte, quanto o contexto escolar onde incide.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo bibliográfico e qualitativo partiu de uma consulta feita com professores da rede Estadual e Particular no município descrito a partir do segundo semestre de 2009, de maneira que os profissionais que se dispuserem a participar da pesquisa, recebiam uma folha contendo as explicações básicas do projeto e três questões para dissertarem sobre as mesmas. Eles serão questionados sobre quais são em sua opinião as principais causas dessa indisciplina, se esta tem aumentado e como lidam com a questão em sala de aula. Uma pré pesquisa realizada por acadêmicas do curso de pedagogia em junho de 2008, na qual foram ouvidos em torno de 50 profissionais entre 24 e 50 anos de idade e entre 5 e 22 anos de magistério, revelou que dos recursos que utilizam em sala é de exclusividade do "quadro giz", os outros 75 % de recursos ficam com TV-DVD 14%, Revistas 12%, Som 10% e Biblioteca 9 %. Esses dados constituem apenas uma das inferências que no decorrer do projeto foi melhor mapeada; a saber, a de que os recursos didáticos e métodos são de grande influência na eliminação e controle da indisciplina.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Depois foram analisados os diversos materiais já coletados desde o primeiro semestre de 2008, tais como livros que tratavam o assunto, tais como: artigos científicos, recortes on-line de jornais (Folha de São Paulo e O Popular), Charges, matérias de revistas do ramo de educação que abordem desde dimensões de autoridade e poder em sala de aula, com também os muitos aspectos já mencionados da indisciplina. Esta análise foi, portanto, seletiva de modo que inicialmente se estabeleceu um conceito amplo e pormenorizado do que se entende hoje por indisciplina; em seguida se procurará identificar as principais causas apontadas por especialistas e nesse momento da pesquisa, serão consultadas também as proposições dos educadores que contribuíram nas folhas de pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa são professores do Ensino Médio que compõe o quadro docente dos 9 colégios públicos estaduais e três particulares do município. As “Folhas de Pesquisa” chegarão a esses profissionais por meio das três voluntárias do projeto que farão uma explicação prévia do projeto ao conjunto de professores em reunião pré-agendada com a coordenação e direção da instituição ou à própria coordenação (se for o caso) que se encarregará de dispor e recolher as folhas. Enquanto orientador do projeto, acompanharei as acadêmicas nas primeiras instituições fazendo eu mesmo a exposição do projeto. Coletados os dados, teremos reuniões quinzenais e ou se necessário semanais, para procedermos as tabulações e triagens acima descritas. Os alunos tidos como “mais indisciplinados” também serão ouvidos, desde que haja a autorização da escola e disposição desses indivíduos. Caso ocorra, os diálogos poderão ser gravados também com autorização e comunicação prévias.

O recorte proposto na pesquisa foi definido após diálogos informais com profissionais durante o desenvolvimento de outra pesquisa denominada: “A Saúde na Profissão Professor: uma identificação do atual quadro de stress e Burnout em docentes da cidade de Quirinópolis” na qual estive com educadores das instituições em questão e percebi uma estreita relação entre indisciplina e saúde profissionais. Dessa maneira, ouviu-se uma alegação de que o Ensino Médio seria o ponto cume dos casos de indisciplina no município.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, pretendeu-se divulgar dados parciais em forma de diálogos em encontros agendados durante a pesquisa, nos quais aqueles que quiserem poderão participar desses momentos partilhando experiências, dificuldades e idéias. O objetivo desta proposta foi tanto conhecer melhor as realidades desses educadores, quanto dar-lhes suporte para suas práticas educativas, uma vez que o Curso de Pedagogia dispõe de um laboratório pedagógico disponível para tais fins. Os encontros foram organizados pela dupla

que compõe atualmente a pesquisa, dado que duas componentes desistiram, juntamente com o professor orientador.

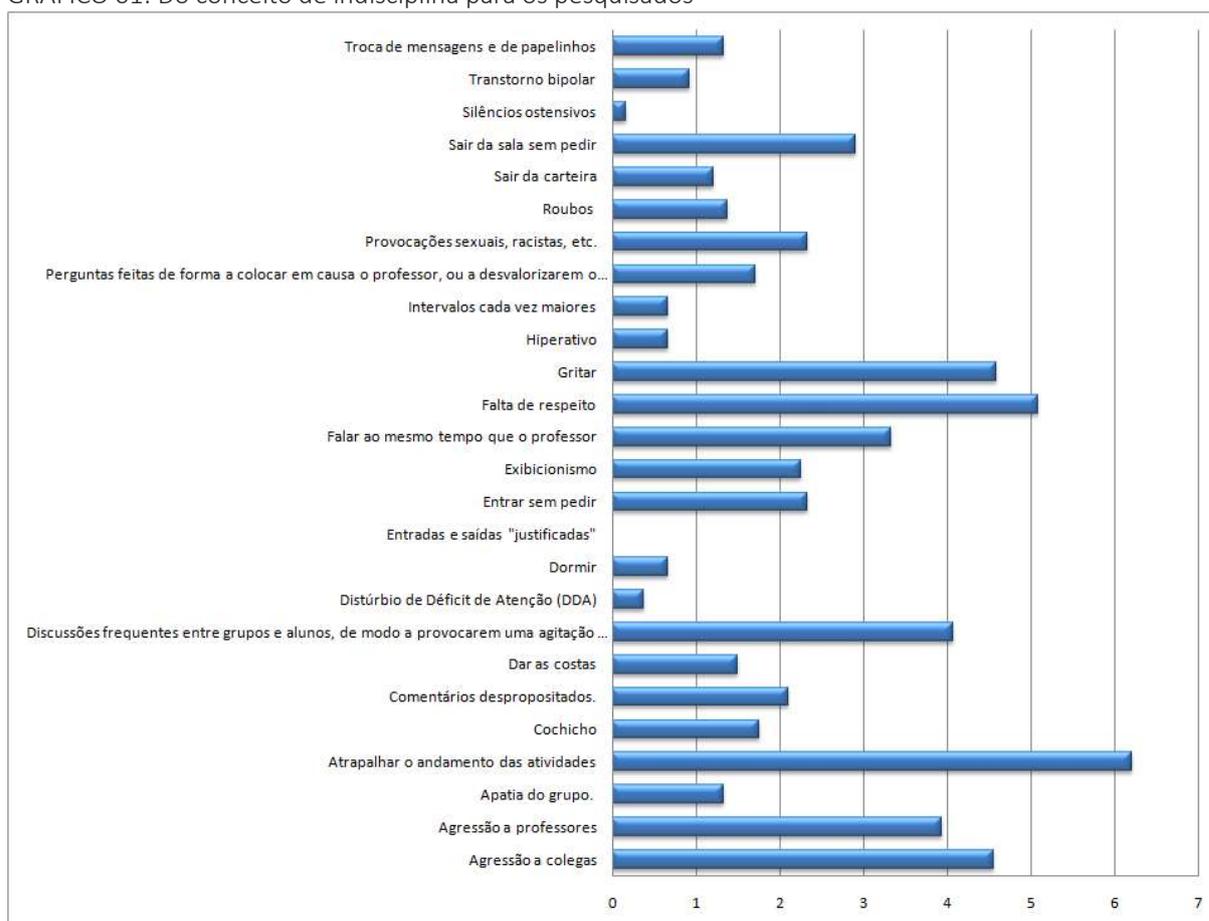
Os questionários foram distribuídos em 30% no final do primeiro semestre de 2010 e 70% no segundo. E totalmente recolhidos até setembro do mesmo ano. Depois passou-se ao trabalho dos envolvidos no projeto no sentido de depurar e categorizar os dados, além de tabulá-los. Foram feitas discussões com as acadêmicas dos últimos períodos do curso, além de discussões com os secretários municipais e interestaduais de ensino. Para tanto, utilizou-se por referencial, autoridades no assunto, tais como: AQUINO (2002): “Diálogos com educadores: O cotidiano escolar interrogado”, (Ib, 2007) “Instantâneos da escola contemporânea”, SAYÃO & AQUINO (2006) “Família: modos de usar”, DE LA TAILLE “Indisciplina, ética, moral e ação do professor” e DI SANTO (200?) “Disciplina na escola: tarefa e construção desafiadoras”. Com esses referenciais e as informações a serem coletadas, os proponentes desta pesquisa acreditam ter condições de alcançar os objetivos propostos a seguir.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo de 56 professores sendo 41 mulheres e 14 homens; 17% desse efetivo eram de escolas particulares e os 83% das estaduais.

Num primeiro momento questionou-se aos pesquisados, o que é considerado para eles indisciplina, donde se obteve os seguintes dados. A maioria dos professores fez uma relação desta com a questão de o aluno atrapalhar o andamento das aulas, vindo a falta de respeito em segundo lugar, seguida de grito e agressão aos colegas; faz-se ainda menção aos itens sair da sala sem pedir, falar ao mesmo tempo que o professor e agredir aos professores.

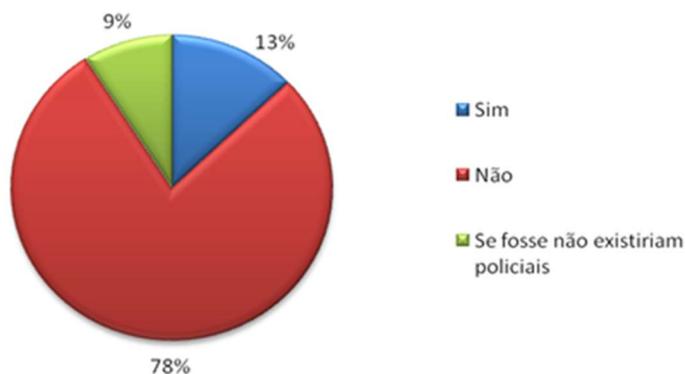
GRÁFICO 01: Do conceito de indisciplina para os pesquisados



Fonte: Pesquisa de Campo

Como se percebe acima, mais 60% dos pesquisados disse que tudo o que atrapalha o bom andamento das atividades pode ser considerado indisciplina. Conforme se denotou no referencial, isso mostra-se como positivo, pois trata-se de uma postura gerencial e não moral e portanto não pessoal. Em seguida, o questionário indagou, se para o pesquisado a indisciplina é um fenômeno específico da educação?

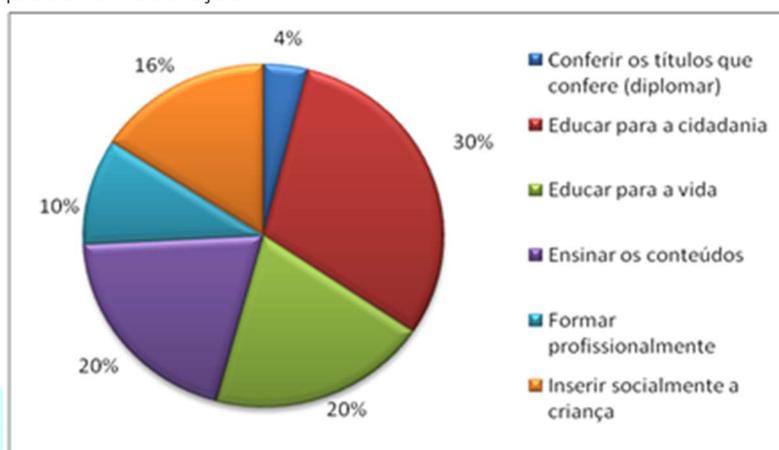
GRÁFICO 02: A indisciplina é um fenômeno da educação apenas?



Fonte: Pesquisa de Campo

Conforme gráfico 02, a maioria dos entrevistados disse ser a indisciplina o fenômeno geral, ou seja, um processo fenomenológico comum a vários seguimentos. A pergunta seguinte faz alusão à função da escola; de acordo com o gráfico 03, educar para a cidadania ocupa junto com educar para a vida e ensinar conteúdos o maior espaço no imaginário dos docentes entrevistados

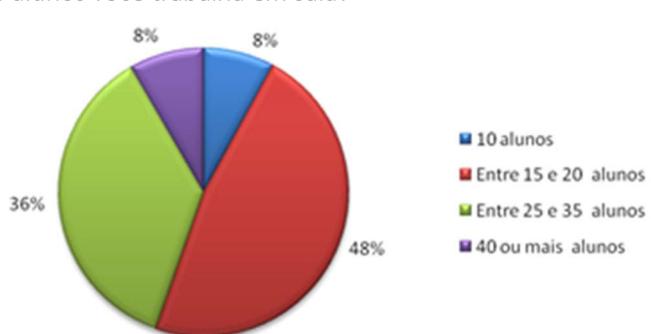
GRÁFICO 03: Para que serve a educação?



Fonte: Pesquisa de Campo

Segundo o gráfico 04, a maioria dos educadores trabalham com até vinte alunos em sala, mas existe um número expressivo que chega a lidar com até 35 alunos. Sabe-se que a eficiência de um processo didático reside na capacidade e condições de o educador atender a todos os presentes em sala, de modo que quanto maior esse efetivo, menores as chances de sucesso e maior a possibilidade de atos de indisciplina.

GRÁFICO 04: Com quantos alunos você trabalha em sala?



Fonte: Pesquisa de Campo

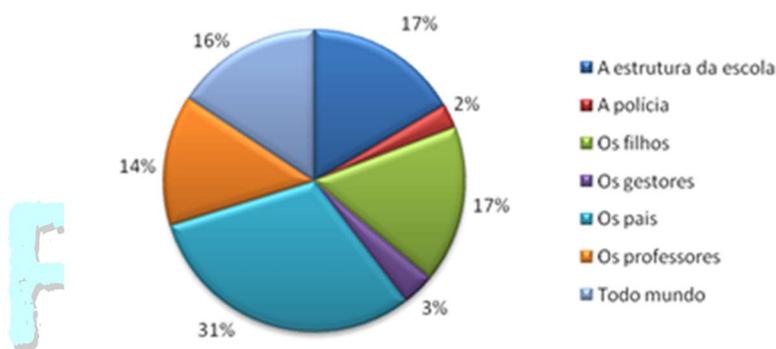
A esse respeito, uma matéria sobre resultados educacionais em Abril de 2008 divulgada no jornal Estadão:

Não há segredo na receita do sucesso das escolas que obtiveram maior pontuação no Enem de 2007. **A maioria mantém um número limitado de alunos por sala de aula**, faz provas regulares, oferece atividades interdisciplinares, dispõe de infra-estrutura informatizada

e conta com bibliotecas atualizadas e laboratórios modernos. Além disso, os estudantes têm acompanhamento individual e os professores são licenciados nas áreas em que ensinam, promovem reuniões periódicas para estabelecer metas e avaliar resultados, recebem bons salários e se submetem a cursos regulares de capacitação (grifo meu).

Depois, pediu-se aos professores que apontassem quem eles acham ser o responsável pelo problema da indisciplina. De acordo com o gráfico 05, a maioria dos entrevistados disse serem os pais, vindo em segundo a estrutura da escola. No gráfico observa-se que colocados propositalmente, os policiais não foram tão responsabilizados, nem os gestores escolares.

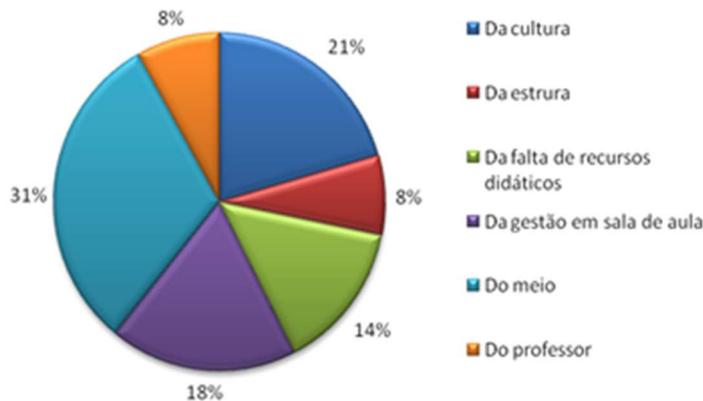
GRÁFICO 05: Quem é o responsável pelo problema da indisciplina?



Fonte: Pesquisa de Campo

Sobre a razão que explique o fenômeno da indisciplina, nota-se que a maioria dos entrevistados, afirma ser fruto do meio em que se está inserido.

GRÁFICO 06: A indisciplina tem sua origem em função?



Fonte: Pesquisa de Campo

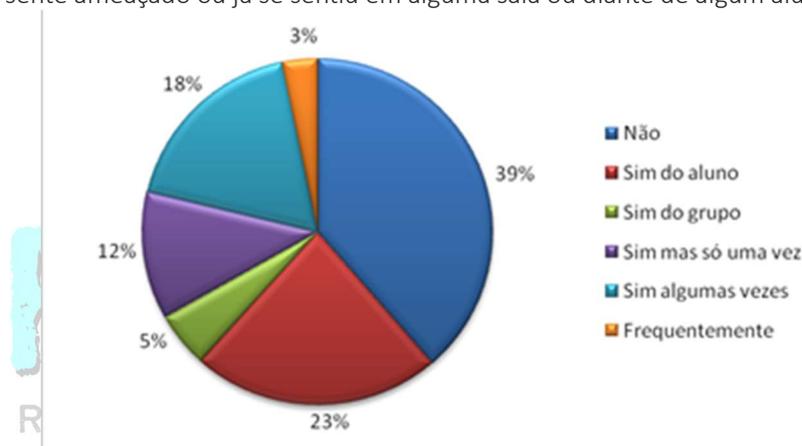
De acordo com uma matéria publicada no jornal Folha de São Paulo em 13 de Dezembro de 2010:

Marisa Melillo Meira, doutora em psicologia escolar, diz que a maioria dos casos de indisciplina começam quando parte dos alunos não consegue fazer as atividades propostas pelo docente. "A professora pedia que os alunos escrevessem um bilhete. E o que poderiam fazer as

crianças que não sabiam escrever? Essa era a hora em que começava a bagunça", exemplifica ela, citando uma observação que faz parte de um trabalho da Unesp (Universidade Estadual Paulista) em escolas municipais de Bauru (329 km de SP).

A questão exposta no gráfico 07 traz informações ligadas à questão da violência escolar, pois aborda se o profissional já se sentiu ameaçado dentro da sala ou dos muros da escola. A maioria afirmou que não, mas que se somado aos 23% dos que disseram terem sido por aluno e os 18% que consideraram uma ocorrência algumas vezes, há que se colocar atenção ao resultado.

GRÁFICO 07: Se sente ameaçado ou já se sentiu em alguma sala ou diante de algum aluno ou do grupo?



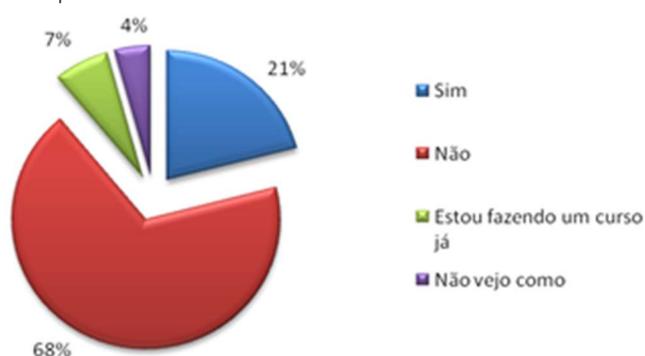
Fonte: Pesquisa de Campo

Nesse sentido, casos como o exposto a seguir tornam-se nos noticiários, mais frequente e banal:

Uma briga envolvendo uma professora de 62 anos e três alunos de 8 anos dentro de uma sala de aula da segunda série acabou na delegacia em Ribeirão Preto (313 km de São Paulo). De um lado, as mães dos alunos registraram boletim de ocorrência acusando a professora de lesão corporal. De outro, a docente nega a agressão e diz que foi ela a agredida pelas crianças (FOLHA, 11 NOV. 10).

Juntas, indisciplina e agressões, tem levado muitos educadores a pensar a troca de trabalho. Todavia, não parece ser o caso dos entrevistados em Quirinópolis, já que 68% afirmou não pensar nesta troca.

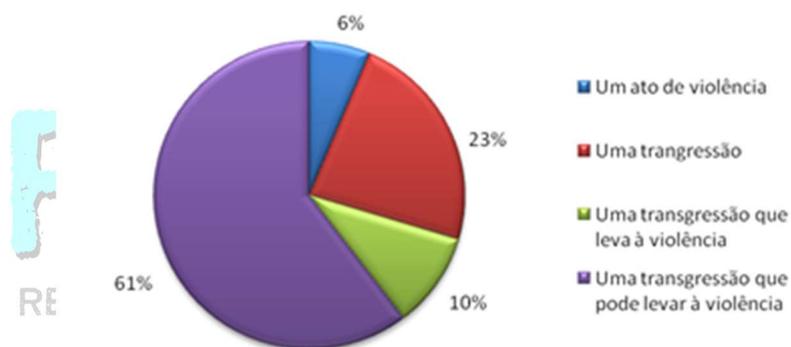
GRÁFICO 08: Pensa em mudar de profissão?



Fonte: Pesquisa de Campo

No gráfico 09 a maioria dos entrevistados afirma que a indisciplina é sim uma transgressão que pode levar à violência dentro da escola.

GRÁFICO 09: Você vê a indisciplina como?



Fonte: Pesquisa de Campo

Ao se considerar existirem várias causas da indisciplina, o gráfico 10 trás como causa indireta provável e favorável à indisciplina, seriam a desatenção dos coordenadores.

GRÁFICO 10: As causas indiretas prováveis da indisciplina



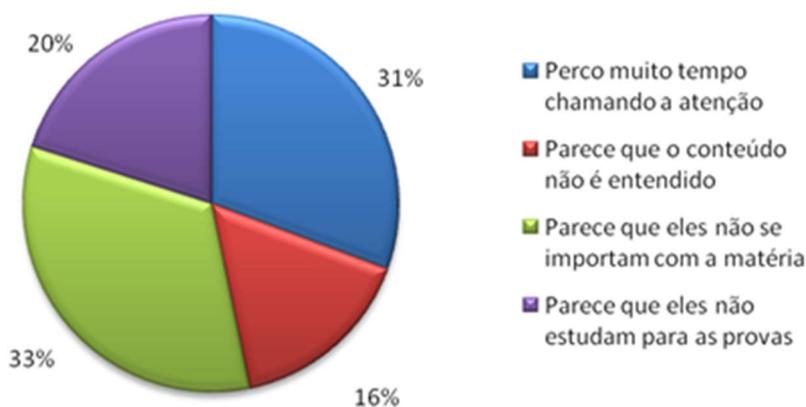
Fonte: Pesquisa de Campo

Desse modo, nota-se que alguns educadores pensam ser a indisciplina um fenômeno que evolui da própria geração de jovens. O fenômeno da indisciplina tem, portanto, provocado inúmeras discussões, inclusive no dia do professor:

A educação no Brasil vai mal, já se aprendeu. Mas nem todos sabem, ou querem saber, que os docentes também participam dessa tragédia nacional como vítimas. Não são apenas os baixos salários. Há indícios de que esteja adquirindo proporções epidêmicas o fenômeno da indisciplina e da violência em salas de aula, com maior gravidade em escolas da rede pública. É patente a necessidade de providências, mas ninguém -poder público, sindicatos, pais ou educadores- sabe ao certo como reagir (FOLHA, 18 OUT. 10).

GRÁFICO 11: Quais os seus maiores obstáculos gerados pela indisciplina?

Fonte: Pesquisa de Campo



Fonte: Pesquisa de Campo

O gráfico 11 por sua vez, considera ser a insipiência dos estudantes o maior obstáculo resultante da indisciplina. Em seguida, os educadores disseram que o fato de perderem muito tempo chamando a atenção dos estudantes é igualmente estressante.

O os outros dois fatores o não entendimento do conteúdo e o possível agravante dos estudantes não estudarem para as provas.

O gráfico 12 por sua vez, informa-nos sobre o papel da escola como provocadores da indisciplina, onde os entrevistados apontaram que a falta de punição ou de uma política mais sólida de ressocialização passiva. Depois os entrevistados apontaram que a ausência da ludicidade no meio escolar é vista como grande agravante bem como a falta de um respaldo das coordenações.

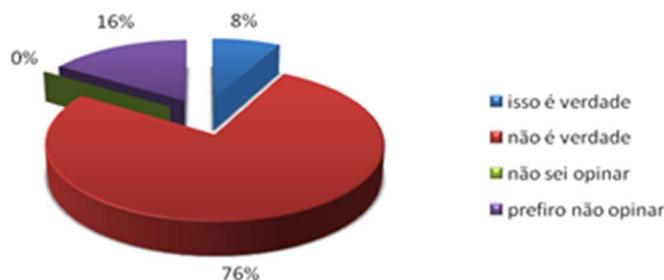
GRÁFICO 12: A escola contribui em quais aspectos para a indisciplina?



Fonte: Pesquisa de Campo

Com relação ao gráfico 13, este aponta que a maioria dos educadores consideram que o aluno mais indisciplinado é também o mais inteligente, conforme apontam pesquisas desenvolvidas, tendo como parâmetro a pesquisa piagetiana, têm apontado que geralmente o aluno indisciplinado é o mais inteligente, curioso, esperto e desenvolvido moralmente. La Taille observa: “a) a indisciplina, seja em relação às regras impostas ou construídas democraticamente, é sempre indisciplina; b) a violência nem sempre é sinônimo de indisciplina; c) porém, a indisciplina é, em determinadas situações, ética [...]” (2006, p. 61).

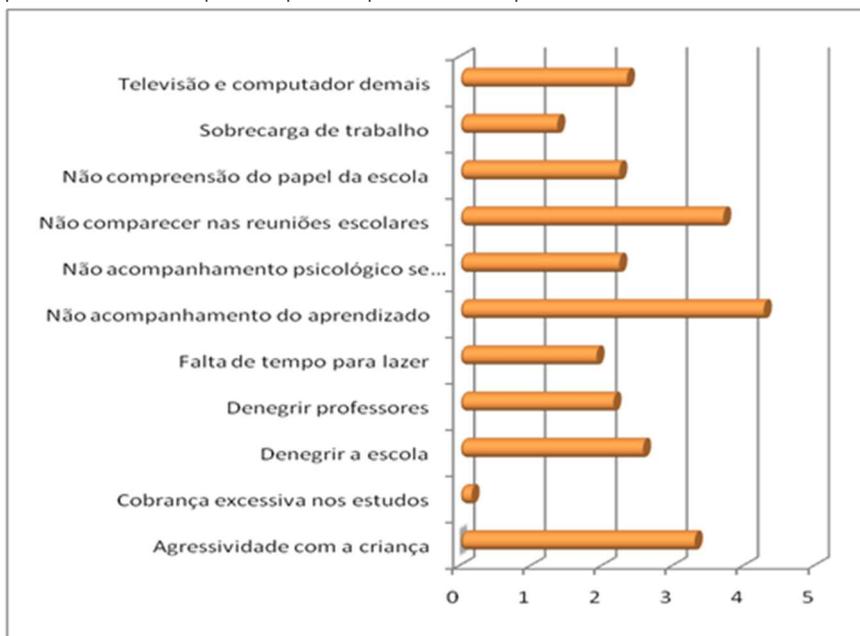
GRÁFICO 13: Sobre o mito de que o aluno indisciplinado seria o mais inteligente:



Fonte: Pesquisa de Campo

Para o gráfico 14, considera-se que o não acompanhamento das atividades, seguido do fato de não comparecer às reuniões escolares indica que na concepção docente, os professores denotam tem os pais uma grande responsabilização.

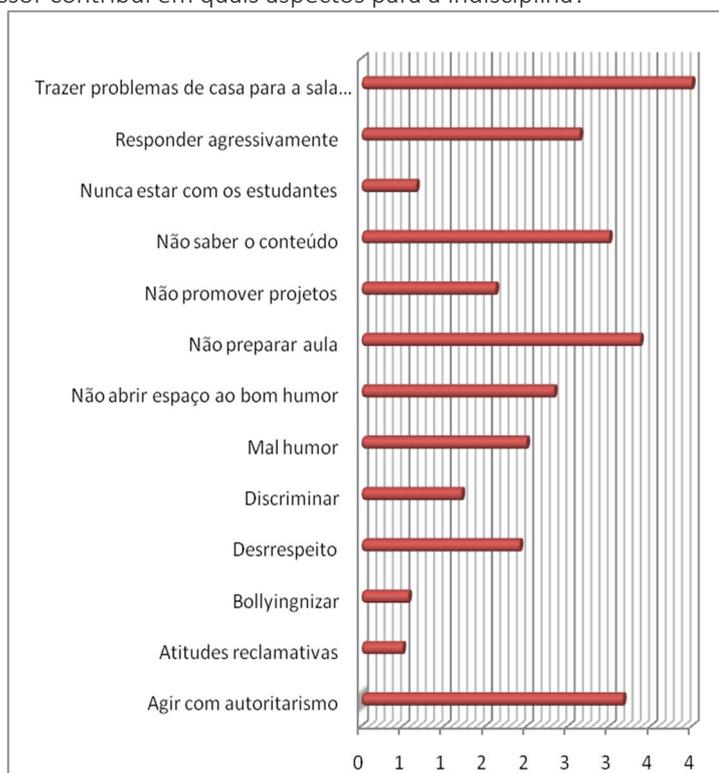
GRÁFICO 14: O pai contribui em quais aspectos para a indisciplina?



Fonte: Pesquisa de Campo

Ao procurar saber onde professor é também responsável pela indisciplina quando traz problemas de casa, quando não preparar a aula e quando esse age com autoritarismo.

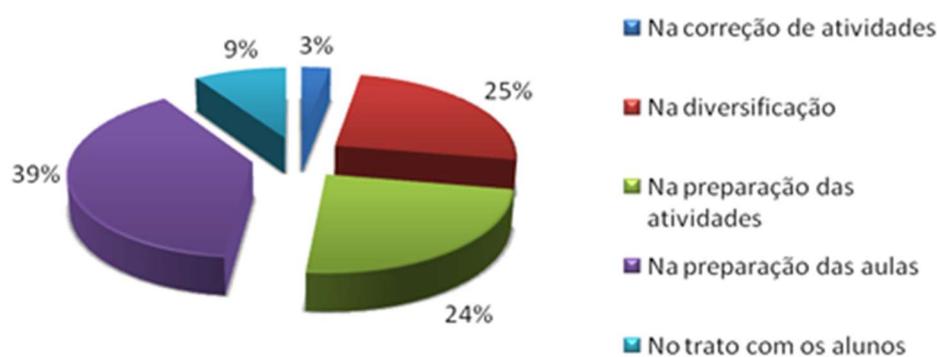
GRÁFICO 15: O professor contribui em quais aspectos para a indisciplina?



Fonte: Pesquisa de Campo

O gráfico 16 traz a relação proposta pela entrevista entre hora/aula e indisciplina. A esse respeito, a maioria dos professores apontou que isso influencia na preparação das aulas que gera indisciplina, depois na preparação das atividades; em terceiro, ficaram o aspecto na diversificação e correção de atividades.

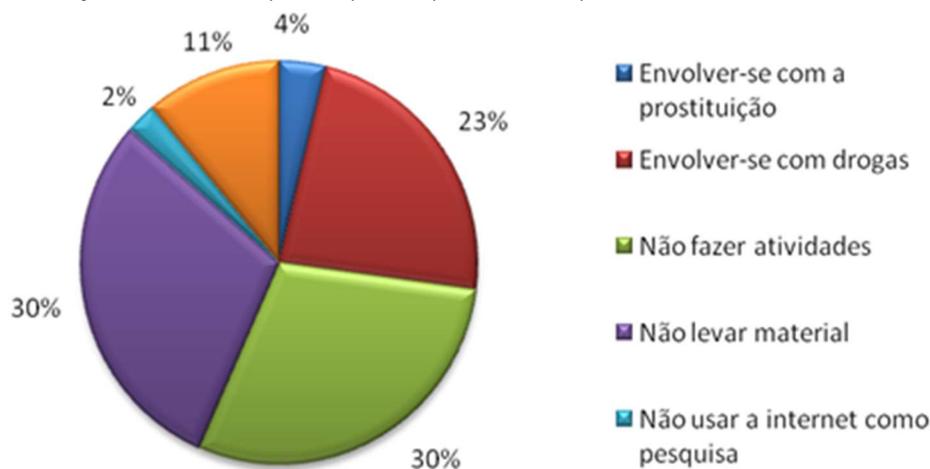
GRÁFICO 16: O valor que você recebe por sua hora/aula influencia:



Fonte: Pesquisa de Campo

Em relação à criança como quem contribui para a indisciplina, temos os fatores não fazer atividade e não levar material como os principais e depois a questão envolver-se com drogas.

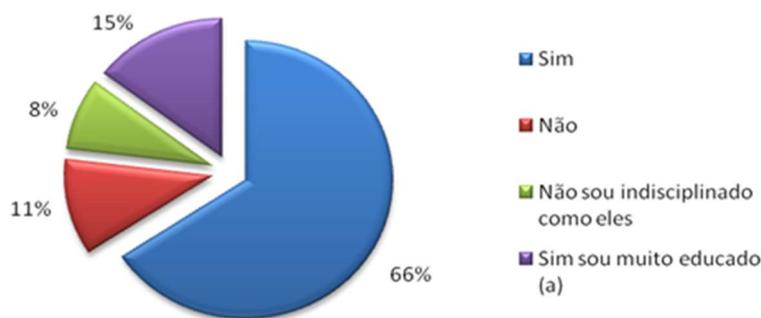
GRÁFICO 17: A criança contribui em quais aspectos para a indisciplina?



Fonte: Pesquisa de Campo

A maioria dos entrevistados disse que ficaria satisfeito se recebesse de seus alunos o tratamento que lhe dá em sala de aula, sendo que 15% se considera muito educado.

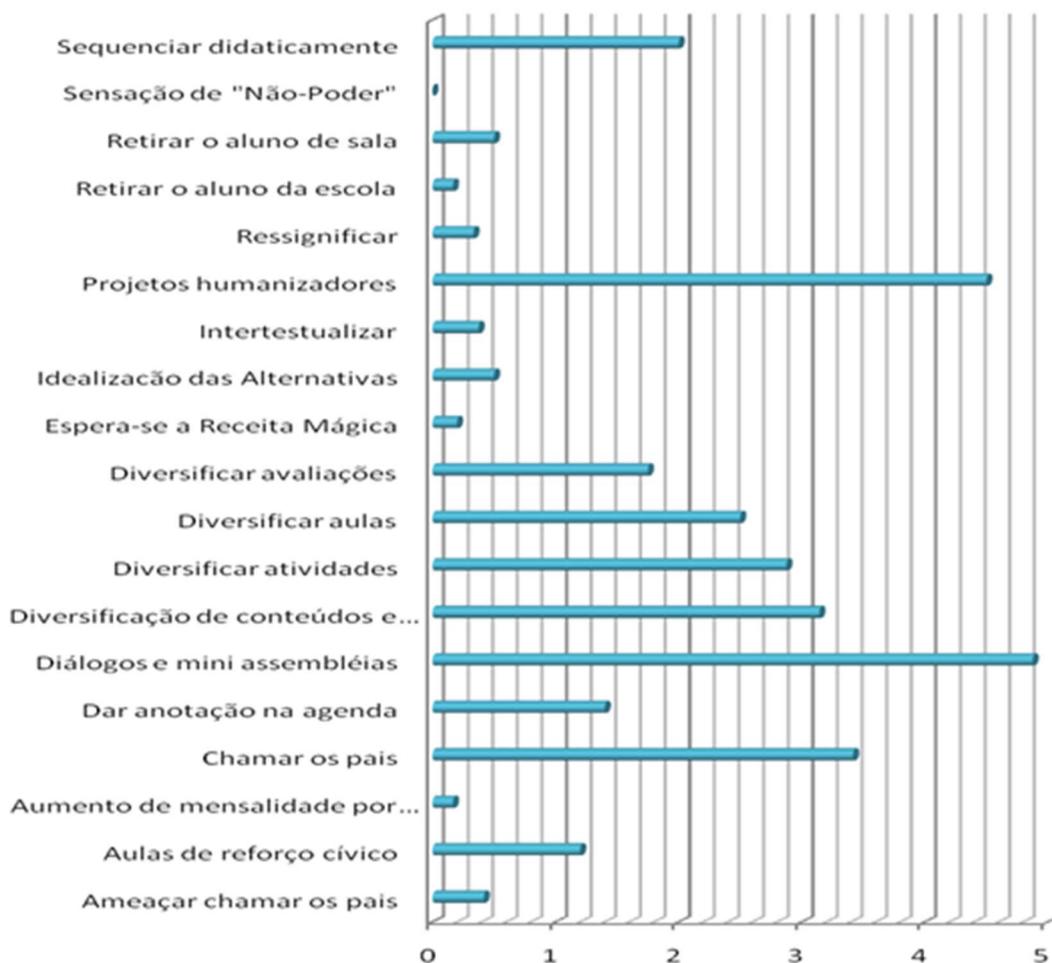
GRÁFICO 18: Você gostaria de receber o tratamento que dá a seus alunos?



Fonte: Pesquisa de Campo

Agora os índices e resultados elaborados no estudo, passam às soluções para o problema da indisciplina, sendo que nas leituras feitas para a composição da pesquisa, nota-se que estrutura, direção/coordenação, postura do docente e acompanhamento dos pais são os setores em que mais se deseja investimentos. O gráfico 19 mostra que os diálogos e mini assembleias parecem ser usado e funcionar entre os docentes.

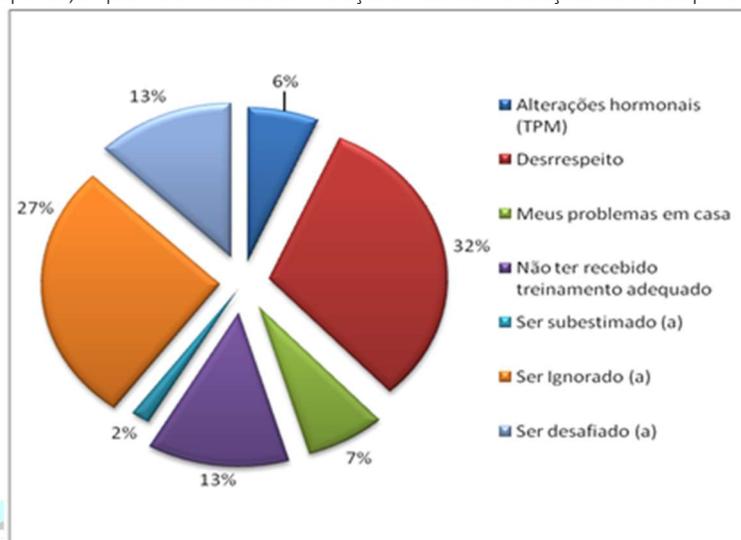
GRÁFICO 19: Como melhorar a sala de aula e evitar a indisciplina?



Fonte: Pesquisa de Campo

Para os docentes, o desrespeito e o isolamento deles em relação aos alunos é o que mais lhes incomoda segundo o gráfico 20. Muitos ainda reclamam de serem desrespeitados e de não receberem treinamento adequado para lidarem com as situações que enfrentam.

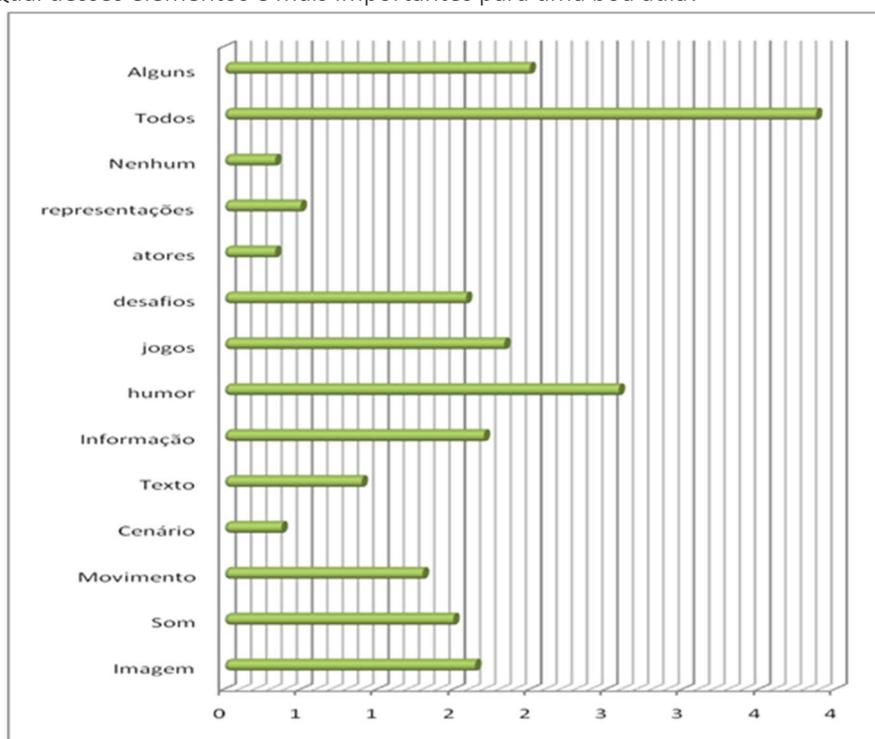
GRÁFICO 20: Em sua opinião, o que mais lhe afeta em relação a lidar com situações de indisciplina?



Fonte: Pesquisa de Campo

Na pesquisa foram apontados alguns elementos do que se acredita serem soluções ou alternativas no combate e prevenção da indisciplina, sendo que o humor seguido dos jogos foram os fatores que mais incidiram.

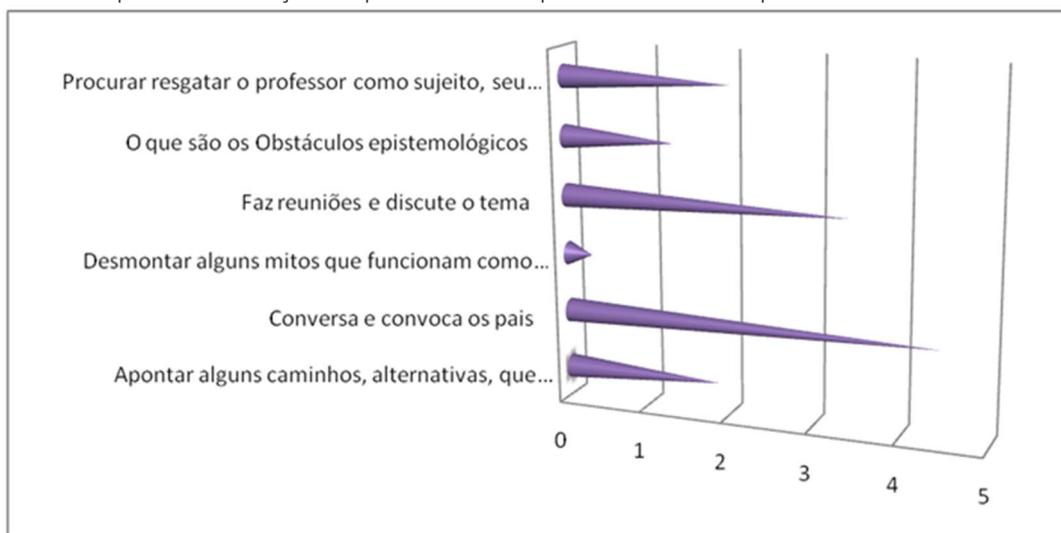
GRÁFICO 21: Qual desses elementos é mais importantes para uma boa aula?



Fonte: Pesquisa de Campo

Parece que segundo o gráfico 22, a conversa e convocação dos pais ainda é o caminho viável para a superação do problema da indisciplina, seguido de reuniões de conselho para discussão do tema.

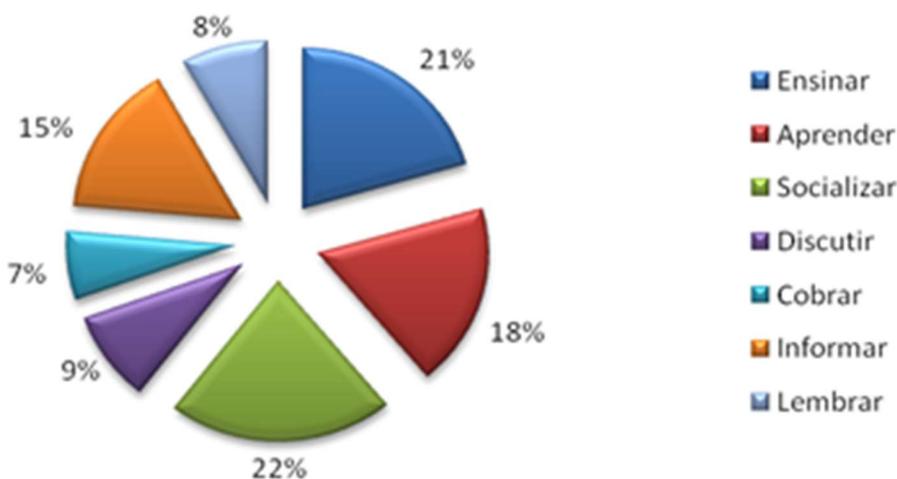
GRÁFICO 22: O que sua instituição faz para reverter o problema da indisciplina?



Fonte: Pesquisa de Campo

Para 32% dos entrevistados (ver gráfico 23) que ensinar e socializar são as dimensões que mais se enquadram ao que eles escolheram por profissão.

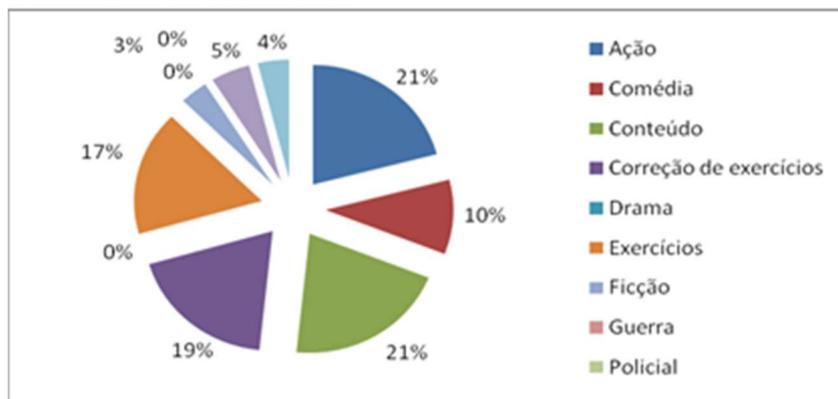
GRÁFICO 23: "O importante não é tanto o que fizeram comigo, mas o que faço com o que fizeram comigo" dentro desta afirmação, aponte as medidas a serem observadas.



Fonte: Pesquisa de Campo

Com relação ao estilo que os docentes adotam em sala de aula, o gráfico 24 vem mostrar que 21% deles são conteudistas e ou preferem a ação; 19% a correção de exercícios e 17% passar exercícios.

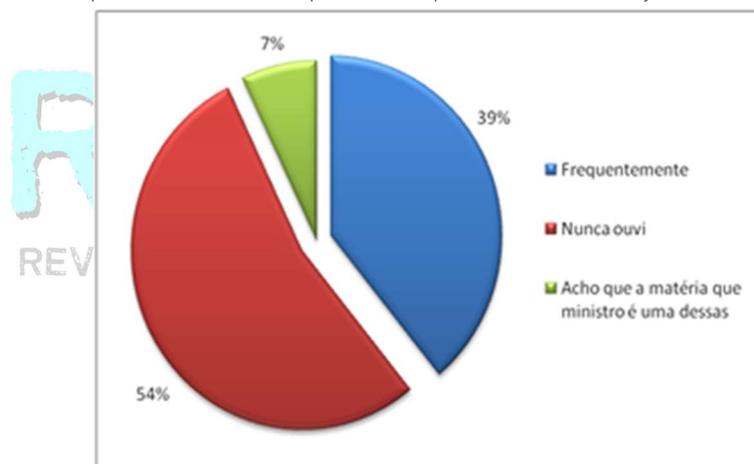
GRÁFICO 24: Qual o seu estilo em sala de aula?



Fonte: Pesquisa de Campo

Segundo a pesquisa, 39% também diz ouvir os colegas reclamarem da disciplina que ministram por que segundo eles, esta está mais sujeita à indisciplina e 54% afirmou nunca ter ouvido esse tipo de reclamação.

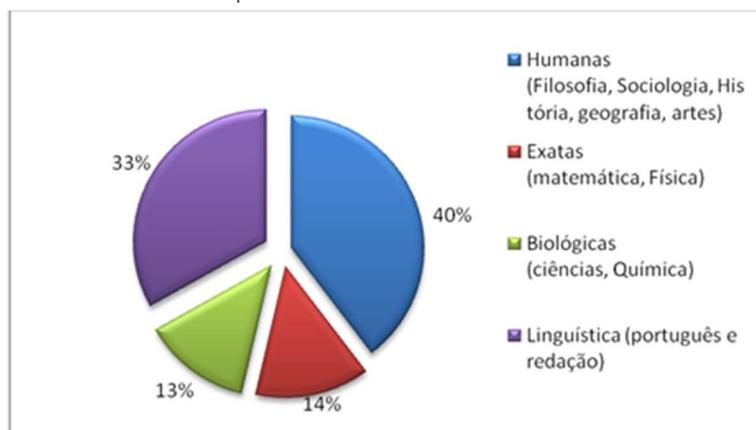
GRÁFICO 25: Você ouve os professores reclamarem que a matéria que ministram é "mais sujeita" à indisciplina?



Fonte: Pesquisa de Campo

Os educadores quando perguntados sobre em quais Matérias a indisciplina é mais comum, mais de 1/4 disse serem as humanas.

GRÁFICO 27: Em quais Matérias a indisciplina é mais comum?



Fonte: Pesquisa de Campo

Por fim, nota-se na pesquisa que as informações coletadas apontam para um horizonte vasto à investigação. A maioria das escolas estão sozinhas em relação ao problema da indisciplina no que diz respeito a intervenções eficientes, de modo que muitos professores acabam se tornando reféns do problema.

Não são só os professores que reclamam da indisciplina dos alunos. Questionados pelo Pisa, os próprios estudantes apontaram problemas em suas salas de aula. Entre os brasileiros participantes da avaliação (cerca de 20 mil), 40% dizem que suas classes são barulhentas e tumultuadas. A porcentagem é maior do que a média de 32% registrada pelos países da OCDE (organização de nações desenvolvidas). "A escola passou a ser um local onde tudo é permitido", diz Hebe Tolosa, presidente da Apaesp (Associação de Pais e Alunos das Escolas do Estado de São Paulo) (FOLHA, 13 DEZ. 2010).

Feitas estas considerações, passa-se às observações finais.

CONCLUSÃO

Com o objetivo de desenvolver uma análise teórico-crítico-pedagógica das discussões sobre atividades relacionadas à indisciplina dentro e fora da sala de aula (espaço pedagógico), de modo a fomentar meios ao desenvolvimento profissional, às capacidades de interação, relação e acolhimento de situações pertinentes ao confronto intelectual: aluno-aluno, professor-aluno e professor-professor, esta pesquisa lançou a proposta nas escolas do município de se fazer um levantamento com relação à indisciplina enquanto representação do discurso de professores das instituições nas quais trabalham com o Ensino Médio.

O projeto investigou mais de 50 educadores e pode ao longo destas páginas dispor os principais índices relacionados à prática docente e sua relação com a indisciplina. Durante a pesquisa teórica e elaboração do formulário, pode-se notar que diversos educadores queriam descobrir novas forma e fórmulas de resolver o problema.

Os dados coletados foram tabulados e discutidos com os dois participantes, de modo que se chegou ao presente termo.

Desse modo, acredita-se que ainda que parcialmente o projeto tenha alcançado seus objetivos, dado que alguns, estão previstos a longo prazo.






















REFERÊNCIAS

CARVALHO, J.S.F. **Autonomia e autoridade no construtivismo: uma crítica às concepções de Piaget.** In: A-QUINO, J.G. (org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas** São Paulo: Summus Editorial, 1999. p. 49-70.

DAVIS, C.; LUNA, S. **A questão da autoridade na educação.** In: Caderno de Pesquisa n. 76. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, fev. 1991.

DE LA TAILLE, Yves J.J.M.R. (1994) Prefácio à edição brasileira. In Jean Piaget. **O juízo moral na criança.** São Paulo: Summus.

FOLHA EDE SÃO PAULO. Disponível em: <www1.folha.com.br>. Acesso em: 14 de janeiro de 2011.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva.** Curitiba Ipardes. 1999.

JESUS, Valentina Luzia de. **(IN)DISCIPLINA, QUE HISTÓRIA É ESSA?** Disponível em: <http://www.paralerepensar.com.br/valentina_indisciplina.htm>. Acesso em: 14 de janeiro de 2011.

MACEDO, Lino. (1996) **Cinco estudos de educação moral.** São Paulo: Casa do Psicólogo.

MIELNIK, Isaac. **O Comportamento Infantil: Técnicas e Métodos para entender Crianças.** 2.^a edição, editora: Ibrasa, São Paulo – SP, 1982.

REVISTA ESCOLA, ANO XVII, Nº 226 – janeiro/fevereiro de 2002.

TIBA, I. **Disciplina, o limite na medida certa.** 8. ed. São Paulo: Gente, 1996.

Enviado em: 14/01/2024.

Aceito em: 06/03/2024.